

Vol. 02, Nº 04 (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE LETRAS

AS MÁSCARAS DE UMA EXISTÊNCIA EM CORPO E POESIA

Francisca de Lourdes Souza Louro



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



As máscaras de uma existência em corpo e poesia

2

The masks of an existence in corpo e poesia

Francisca de Lourdes Souza Louro¹
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8050-8784>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5665029223602668>
E-mail: lourdeslouro@yahoo.com.br

Resumo: O livro *O corpo em poesia* de Kenedi Azevedo, publicado pela Editora Letra Capital em (2017) traz na página dez a “advertência” em forma de poesia, onde está a proposta: *Ergo minha fortaleza em corpo / Murros serão dados no portão / Se o leitor adentrar a passagem / Descobrirá ruínas da mente*. Depois, o autor faz a divisão dos blocos poéticos “Dos solares” com quinze poesias, “Dos Lunares” composto de vinte outros poemas, “Dos amantes” com três e por último “Da poesia” com mais três poesias e diga-se que estão todas bem marcadas e nominadas. Na obra de Saint-Victor, *As duas máscaras* (2003) conferimos que o teatro tem duas máscaras, a que chora e a que ri, frequentemente separadas, alguma vezes unidas. Conferi, e percebi as várias máscaras na poética de Kenedi, e isso me inquietou, graças à inquietação humana, ocupo-me neste fazer bisbilhoteiro de comentar, sobre este aspecto, na lírica de representações desta obra que muito intui o leitor astuto. Encontrei, no sentido profundo e inquieto, ingênuo, divino e infantil ao mesmo tempo, dos velhos mitos surgidos da imaginação primitiva com muita inovação.

Palavras-chave: Máscaras. Poesia. Sentido Poético. Mitos. Imaginação

Abstract: The book *O corpo em poesia* by Kenedi Azevedo, published by Editora Letra Capital in (2017), brings on page ten the “warning” in the form of poetry, where the proposal is: I erect my fortress in body / Punches will be given at the gate / If the reader enters the passage / He will discover ruins of the mind. Then, the author divides the poetic blocks “Of the solar ones” with fifteen poems, “Of the Lunar ones” composed of twenty other poems, “Of the lovers” with three and finally “Of poetry” with three more poems and it must be said that they are all well marked and named. In Saint-Victor’s work, *As duas Máscaras* (2003) we see that the theater has two masks, the one that cries and the one that laughs, often separated, sometimes united. I checked and noticed the various masks in Kenedi’s poetry, and this disturbed me, thanks to human restlessness, I occupy myself in this prying act of commenting on this aspect, in the lyrical representations of this work that the astute reader greatly intuits. I found, in the deep and restless sense, naive, divine and childish at the same time, of the old myths that emerged from the primitive imagination with much innovation.

Keywords: Masks. Poetry. Poetic Sense. Myths. Imagination

¹ Mestre e Doutora em Poética e Hermenêutica pela Universidade de Coimbra. Pós-Doutorado em Sociedade e Cultura pela Universidade Federal do Amazonas.

Cada poema está nominado e travestido e, os nomes dados foi o belo espírito dos deuses que revestidos de roupagem primitiva, fez com que o poeta os devolvesse as fontes vivas de sabedoria empregada da insipidez da alegoria e do madrigal: *O fazer do dizer pode comparar-se ao pólo acontecimental na dialética do evento e da significação* (Ricoeur, 2000, p. 25). Nesse gênero de inovação, convém, a meu ver, adotar apenas o estritamente necessário naquilo que se impõem, como os fatos observados dentro da hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur.

Para não confundir o leitor, cuido para não olhar a existência do autor em cada texto aqui analisado. O cuidado de separar autor e obra é um impulso para não tornar a obra de peso menor. Porém, sabe-se que o homem experimentou, desde sempre, a necessidade de idealizar ou parodiar sua própria existência, de repeti-la por meio do sonho do espetáculo e da ficção, aqui em palavras poéticas esboçando um sentimento que enriquece o apelo de o leitor adentrar no labirinto das palavras e vê cada gesto, cada história e sentimento. Tudo se enriquece com apelos e fugas, arrebatamento e resistências: cada gesto passa então a esboçar um pensamento e cada passo voa na direção do sentimento que ressalta o significado da invocação em si, e “cada poema é como abrir uma janela para o mundo, mas antes de contemplá-lo, há que invocar o modo como o mundo será contemplado; antes de ver a realidade, há que deter a atenção no prisma segundo o qual as coisas serão vistas” (Moisés, 1981, p. 67).

O estilo e a visão artística dos Gregos surgem, em primeiro lugar, como talento estético. Escolhi, como primeiro germe, sem dúvida, o instinto inato que faz o poeta simular atos de humanidade trazendo a figura volátil que está em toda literatura. E, ao falarmos em criação artística, não estamos pensando em valores formais imitados das artes plásticas, mas antes em normas análogas da linguagem humana e da sua estrutura que bordam linguagem das emoções da alma.

É pela oratória, a sua aptidão para dar forma a um plano complexo e lucidamente articulado deriva simplesmente do sentido espontâneo e amadurecido das leis que governam o sentimento, o pensamento e a linguagem, o qual conduz finalmente à criação abstrata e técnica da lógica, da gramática retórica (Jaerge, 2003, p.11).

No bloco “Dos Solares” têm muitas personagens que carregam máscaras como a da criança, do andrógeno, do bruxo, do mentiroso, entre outras máscaras, mas escolhemos esta, a que veste a roupa de todos e representa mais que uma “entidade” que está composta em palavras, e soma-se, as suas partes, para compor o todo poema, vê-se a semântica da frase para observar o que diz o sentido e a significação em cada palavra.

o personagem

4

construo-me todo dia como se fosse um personagem
papel de mim em ficção como se fosse uma miragem
por vezes ator do lirismo dramático agora de passagem
mil vezes estereótipo da tragédia configurante imagem

interpreto papéis externos àquilo que pretendi ter
objetivando ser o objeto adjetivado dos contos de ler
a leitura da nova psicologia sobreposta em pretender
aquilo que as personas descontentes veriam pra valer

inútil agente age nas agruras da fábula constante
como cactos cortantes que curam o cru espectante
de gelo que se constitui na página assim passante
viajo pelos desvãos do corpo outro um farsante

de alguma maneira
torno
em torno
do trono
que criei
não crendo
cruzado no templo
tempero do demiurgo
dramaturgo coroado
no coração de papel
do papel que decodifico como ser
(Azevedo, 2017, p. 19)

Esta primeira máscara, “O personagem” está para evidenciar a sua relevância em relatos de diversa inserção sociocultural (masculino ou feminino no ato da representação) onde se pode encontrar e evidenciar os variados suportes expressivos: “A personagem revela-se, não raro, o eixo em torno do qual gira a ação e em função do qual se organiza a economia da narrativa” (Reis & Lopes, 2011). Entende-se que a personagem é, pois, o suporte das redundâncias e das transformações semânticas da narrativa: “Precisamente inicial se insurge pela polaridade fundamental entre identificação singular e a predicação universal, que proporciona um conteúdo específico à noção de proposição para ser concebida como o objeto do evento da fala” (Ricoeur, 2000 p. 22). Vejamos os versos:

construo-me todo dia como se fosse um personagem
e
interpreto papéis externos àquilo que pretendi ter
e
viajo pelos desvãos do corpo **outro um farsante**

Descarte certamente, não foi o primeiro a elaborar uma teoria do juízo, operação maior do pensamento e, oferece, na primeira parte. *Discurso do método uma versão biográfica no quadro do que ele chama de fábula de seus anos de aprendizagem* (Ricoeur, 2004, p.41). Aqui, em Kenedi, (2017) a fábula do aprendizado se fez nas dores secretas dos relacionamentos, das rupturas do outro eu, mas a mais primordial a da consciência autoral, que ressurge nesta obra com os poemas de relatos. O que mais ressurge de visibilidade nos versos, está marcada pela iniciativa que preside esse empreendimento chamado poesia e ela está na força dos verbos “construo-me e interpreto”.

Estes dois verbos englobam todas as máscaras que poderá ser a da rejeição e a do acolhimento. Tanto que se pode ver nestes a matriz do reconhecimento que aparecerá em outras poesias. Porém, neste estágio, “o reconhecer não pode se distinguir do conhecer” Ricoeur, (2006) e que no primeiro verbo há uma ocorrência (construo-me) que evoca o argumento do gênio malicioso, mas tão essencial para a descoberta da primeira verdade, e Kenedi, faz uma pausa para o segundo verbo de ocorrência (interpreto), não menos significativo para o envolvimento na sequência da poesia.

viajo pelos desvãos do corpo **outro um farsante**

“Outro um farsante” insurge-se da ideia de análise bastante conhecida do juízo, dividido entre o entendimento que concebe a vontade que escolhe e assume a máscara da suspeição. Um pantomimeiro personagem que se quer mostrar ostentoso e comandar o espetáculo das futuras cenas. Esse paradoxo seria então o que a problematização, vinculada ao acontecimento de pensamento constituído pelo aparecimento deste céu filosófico é o que chamamos de irrupção das línguas naturais. O recurso foi bem vibrante, é como se fosse a presença corporal do leitor de literatura, quando percebe a voz que emana do corpo poético, percebe em que nível sonoro esta representação está plenamente no corpo vivo do texto:

O espetáculo retém os olhos de quem lê, é atraído pelo rompante linguístico de efeito performático. O autor sujeito produtor do texto, cai sob fogo cruzado dos projetores; o leitor, a quem não se nega a qualidade de sujeito da recepção, fica sempre na penumbra (Zumthor, 2000, p.25).

Mas, admite-se que todo texto só sobrevive com a argúcia e paciência leitora que outros batizam de destinatário.

Os textos encaixados no banco “Dos Lunares” são todas direcionadas às figuras femininas, que se apresentam as mais perturbadoras máscaras, inóspitas relações de

identidade, a poetisa, a escritora, a esquizofrênica, a psicopata, a assassina, a louca a ninfomaníaca, a ladra etc.... A escolha desta se dá em virtude de traduzir a perfeita dualidade humana ou bem como Saint-Victor apresenta em *Duas Máscaras* (2003, p. 541) apresenta *a face da moralidade da tragédia reside em reabilitar um pouco o pobre herói*. As impiedosas profissões, descobertas nesta obra, talvez sejam o desejo do autor de embalar com um belo sonho a derradeira hora de luz, desses personagens que receberam neste espaço, a honraria para continuar a folgar da admiração pública. Aqui, nesta outra janela se abre para a figura retórica da personagem vestida com a máscara ousada vinculada primordialmente o mistério de ser.

6

a travesti

os olhos duros em festa
assombram o espelho embaçado
fabricam a máscara do teatro
da ideologia ultrapassada

respira-se firmemente no circuito
da bela noite de desvalor ao céu
a torre se estabelece nesse desvão
e um projeto simula a imagem nua

o cheiro que exala da sala vazia
eterniza o impulso em fingir
agora outra persona se revela
mesclas de ilusão se ratificam
na face já configurada

as mãos postas em oração
prenhes do silêncio
resgatam a atenção
de um dia de vigor
a porta se fecha
e a luz se apaga
um adeus
(Azevedo, 2017, p. 51)

Essa prioridade dada às máscaras é da maior importância para a noção de pessoa aqui existente. Cumpre confessar que a tarefa não foi fácil; o enriquecimento que às máscaras deram à obra, enuncia que o poeta autodesignou as personagens, partindo da observação externa, isso é indicativo verbal de que, o autor é capaz de interpretar alguém que é eu e outro que é tu: *Isso é reflexibilidade relevante para a ideia de alteridade, a fim de passar de uma correlação fraca e facilmente assumida entre alguém e qualquer outro à correlação forte entre si* (Ricoeur, 2014, p17).

Tendo em vista que o chamou minha atenção na leitura da obra *O corpo em poesia* foram as sugestões feitas a partir da nominação dada dos poemas. Assim, o conceito de

a porta se fecha
e a luz se apaga
um adeus

O conjunto arma-se, a maneira de sistema, e sobre estes três últimos versos gravitam os demais componente acima. O adeus está diante do esquema de amplificação no fechamento da porta quando a personagem com “as mãos postas em oração” se desfaz a distinção inicial. Do lado de dentro “A travesti” age como personagem, na rua, a pessoa de revela diferenciada ao ponto de humildade. Em Kenedi (2017) o argumento pelo absurdo está plenamente em ação; se as aparências fossem tão variáveis que não se pudesse jamais representar-se, mas elas se reproduzem, é como se o autor gritasse e se *eu deixasse sempre escapar de meu pensamento as representações e não as produzisse, como haveria de ser a poesia?*

Observemos este discurso poético proposto abaixo, veja como está valorizado e explorado um fato central, no qual se fundamenta, a projeção do corpo no *espelho embaçado com a significação de que o mundo existe fora do mim em consciência confusa de estar no mundo, anterior a seus afetos, é como se a impureza estivesse sobre carregando o pensamento puro* (Zumthor, 2000, p.91). Olhemos para o poema que diz:

os olhos duros em festa
assombram o espelho embaçado
fabricam a máscara do teatro
da ideologia ultrapassada

Esse julgamento sobre a Humanidade ser de “ideologia ultrapassada” se situa para além e aquém da excepcionalidade de um louco ou um gênio, tal Caeiro fez conduzindo seu rebanho, talvez até sejamos sim, na espera de ser persuadido por esse poeta, esse ser aliciante que com envolventes palavras de sons que acalentam os ouvidos, ou os olhos de quem lê e tenta entender os significados da poesia. Mas a força poética toda do autor reside na alma e no corpo. Da alma utilizamo-nos para mandar; do corpo, para servir, de preferência.

O sentido da vida e a verdadeira grandeza do homem é se lançar à glória pelo caminho da vida, o autor é pela arte que abunda em força motora com esforço e energia. Ora, a poesia, de todas as artes, é a atividade com que o espírito tem a ver. É a primeira

em utilidade histórica porque fala com excelência da existência para passar adiante, para que ao mesmo tempo, não vá alguém julgar que é por vaidade que o autor dá ao mundo o texto que cai nas mãos do leitor. O poeta mostra a armadilha e o perigo do elemento úmido tão transfigurado como se fosse uma lenda, mas o vemos são as ninfas puxar pelas pESCOÇO a máscara da Violete colorida, ou uma mariposa enfeitada de Travesti. *Essa ação da figura emblemática de ser Travesti, na realidade, surge como uma ideia elevada, a das almas da Natureza que comove com a desgraça da sorte* (Sant-Victor, 2003, p.193).

Por toda obra explode a toda página uma grande sinfonia pagã da libido que alimenta e impele a natureza todo o imaginário da fala, ela que se oferece em plenitude, ela que está na força verbal que sensualiza a própria passagem da imagem no espelho. Este texto tem uma forma humana e é uma figura, um anagrama do corpo erótico. *O prazer do texto seria irredutível a seu funcionamento gramatical, como o prazer do corpo é irredutível à necessidade fisiológica* (Barthes, 1973, p. 25).

A imaginação, contudo, ainda ocupa um lugar de honra, sob a expressão de síntese transcendental da imaginação produtiva, para distingui-la da imaginação reprodutiva, que diz respeito apenas à experiência empírica sob a lei da associação (Ricoeur, p.2006, p.60).

o cheiro que exala da sala vazia
eterniza o impulso em fingir
agora outra persona se revela
mesclas de ilusão se ratificam
na face já configurada

É preciso ter ideia da importância desse paradoxo que faz do terceiro termo (persona) um híbrido de discursividade e de intuitividade sobre este evento no verso - *eterniza o impulso em fingir* – desde os tempos das sociedades antigas, a metaforização da sexualidade revela e acrescenta a importância adquirida por este tema. A relação entre ambos, vai ganhando sentido no fluir do poema. Vemos um Eros dissimulado em “travesti” o mais belo de entre todos os deuses imortais munido de força primitiva atuante concatenado com a forma acabada e cheio de beleza e sedução.

Agora outra persona se revela
na face já configurada

Agora é a ideia suscitada da ação evidenciando o aqui e agora do tempo presente na formulação verbal. Outra persona que se revela a partir da miragem espectral é a

poesia de Kenedi (2017) que se mostra reflexiva, e registra movimentos outros da literatura, especialmente ao que se pode chamar de Post-Modernismo (Arnaut, 2002) quando acalenta modelos de poesia sexualizada como no tempo do Mundo Antigo como fez o poeta Hesíodo em sua *Teogonia*. Tal Kenedi, tomado de uma força primitiva atuante, concatena-se com a forma e o modelo acabado de beleza poética que transcende a sedução preponderante e deixa transparecer, na *Travesti*, o domínio irresistível com que atua como instrumento de sedução, bem ao modelo aristotélico para identificar bem que a poesia (a arte em geral) também não depende de seu objeto, ou melhor, do conteúdo de verdade de seu objeto:

Não é a verdade histórica das pessoas, dos fatos e das circunstâncias nela representada que lhe conferem o valor de arte. A arte, claro, pode narrar coisas que efetivamente aconteceram, mas só se torna arte quando acrescenta a essas coisas um quê inexistente na narrativa puramente histórica (Reale, 2012, p.143).

A universalidade da representação da arte nasce de sua capacidade de reproduzir os acontecimentos. O que se sente é o desespero da *Travesti* que sem saída, mas com ousadia de uma esperança depositada no que julga ser o espelho, exaustivamente se insurge como um filtro amoroso ligado por outro eu na sua existência. Esta alteração na face já configurada, parece um aceno sobre a eventual possibilidade de reconhecer a força e a dimensão da rede tecida por um Eros caçador de aventuras noturnas no império do amor. O belo aristotélico, dentro de determinados limites, ordena uma grandeza que consiste na grandeza própria e na ordem. Sobre a interpretação, o modo como se afirma ou se nega, são as possibilidades do desenvolvimento das proposições complexas que as considerações podem ser ou assertivas ou complexas, e nesse jogo de desvendar o texto fica a certeza de que literatura é tudo hipótese.

Considerações finais

O corpo em poesia traz em seu extenso corpo autoral uma marca excepcional que Kenedi cunhou em duas máscaras, a feminina e a masculina imbricadas de domínios recognoscíveis, fiquei na dúvida se era paródia, se era confronto de identidades e fiquei à deriva, mas não perdi o prazer que pode assumir no gozo de me arrastar ou de trocar as máscaras da dualidade na fruição leitora. O prazer foi particular e, articular os textos foi pela força da fruição que se insurge sempre de maneira como uma afirmação pelo gosto de leitora que sempre é convidada a fruir nesse movimento dialético de síntese. E ficou a questão de ver o escandaloso que não é imoral, mas porque é atópico. A emoção é uma perturbação que não concordo em reconhecer para não me perder no vazio de

perversos exteriores sentimentos, atendo a regra geral de não me iludir com o texto, sobrevivo às emoções que por ventura eles ousem me convencer de sentir. O mundo da linguagem (logosfera) é um imenso e perpétuo conflito de paranoias, mas que sobrevivem ao sistema (as ficções) bastante inventivos para produzir uma derradeira figura, a que marca o adversário que mora no inconsciente autoral do poeta. A rede gera o que podemos chamar metáforas do servo sofredor, as metáforas tem o poder de conjugar os diversos campos da nossa experiência e, assim, de lhes garantir uma espécie de equilíbrio. É pela rede de metáfora, que o poeta se serve para evoluir mais volátil no nível simbólico e fazer o leitor cair na armadilha do sentimento. Aparentemente, Kenedi, com certas experiências humanas constituísse um simbolismo dual de ordem nesse trabalho cultural e tenha dosado, de uma superestrutura simbólica e metafórica, a *aparência das coisas, quase recria as coisas segundo uma nova dimensão*” (Reale, 2012, p. 142).

10

Referências

- Arnaut, Ana Paula dos Santos Duarte. **Post- Modernismo no romance português contemporâneo**. Livraria Almedina, Coimbra, 2002.
- A Sexualidade no Mundo Antigo.** Coord. José Augusto Ramos; Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues. Centro de Estudos Clássicos e Filosóficos da Universidade de Coimbra, 2009.
- Azevedo, Kenedi. **O corpo em poesia**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.
- Barthes, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo. Editora Perspectiva S.A, 1987
- Jaerger, Werner. **Paidéia**. A formação do Homem Grego. Trad. Artur M. Parreira. Martins Fontes, São Paulo, 2003.
- Moisés, Carlos Filipe. **O poema e as máscaras**. Livraria Almedina. Coimbra, 1981.
- Reale, Giovanni. **Introdução a Aristóteles**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro : Contraponto, 2012.
- Reis, Carlos; Lopes, Ana Cristina. **Dicionário de Narratologia**. 7 ed. Reimp. - (Manuais Universitários) Coimbra, LDA, 2011.

Ricoeur, Paul. **Percurso do Reconhecimento**. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. Edições Loyola São Paulo, 2006.

Saint-Victor, Paul de. **As duas máscaras**. Tragédia – Comédia. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. Livraria Editora Germape Ltda. São Paulo, 2003.

Zumthor, Paul. **Performance, Recepção, Literatura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo, EDUC, 2000.

Recebido: 23/05/2025

Aceito: 19/06/2025

Publicado: 06/07/2025

Vol. 02, Nº 04 (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE LETRAS



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

